



AALBORG UNIVERSITY
DENMARK

Aalborg Universitet

Segredos do nordic noir, o crime que vem do frio

Hansen, Kim Toft

Publication date:
2024

Document Version
Publisher's PDF, also known as Version of record

[Link to publication from Aalborg University](#)

Citation for published version (APA):
Hansen, K. T. (2024). Segredos do nordic noir, o crime que vem do frio.

General rights

Copyright and moral rights for the publications made accessible in the public portal are retained by the authors and/or other copyright owners and it is a condition of accessing publications that users recognise and abide by the legal requirements associated with these rights.

- Users may download and print one copy of any publication from the public portal for the purpose of private study or research.
- You may not further distribute the material or use it for any profit-making activity or commercial gain
- You may freely distribute the URL identifying the publication in the public portal -

Take down policy

If you believe that this document breaches copyright please contact us at vbn@aub.aau.dk providing details, and we will remove access to the work immediately and investigate your claim.

O crime que



TEXTOS **JOÃO DIOGO
CORREIA** (JORNALISTA)
NA SUÉCIA

vem do frio

E

Género literário nascido na Escandinávia, alargado ao cinema e à TV, o nordic noir está há mais de uma década a ocupar tops de vendas no mundo inteiro. Para algumas pessoas tornou-se uma obsessão. Mais do que mortes e crimes, reflete o lado B da utopia dos nórdicos — humanos como nós

A

pesar de ser conhecida em muitos cantos do planeta, a Mariagatan não tem nada que chame a atenção. Com pouco mais de 200 metros, esta rua em Ystad, na Suécia, é feita de prédios baixos em tijolos de cores variadas que, a juntar à neblina que nesta altura do ano não deixa ver quase nada, dá um retrato típico da Escandinávia. É uma rua larga, com carros estacionados dos dois lados, sem árvores e quase sem serviços, à exceção de uma loja de produtos em segunda mão numa das esquinas. O número 10 da Mariagatan não tem qualquer referência aos feitos, aos livros ou aos filmes de Kurt Wallander, o detetive que aqui viveu e que a tornou famosa.

Pode parecer exagerado dizer que Ystad, uma pequena cidade portuária no sul da Suécia, de frente para o mar Báltico, mudou a história recente dos países nórdicos. Porém, à medida que se desenrola a fita do tempo do *nordic noir*, um subgénero literário e cinematográfico de romance policial que catapultou a Escandinávia para os tops de vendas de livros e de bilhetes de cinema no mundo inteiro, percebe-se que aqui aconteceu qualquer coisa especial.

Henning Mankell era já um escritor prolífico e politicamente ativo, que enquanto jovem tinha participado em manifestações de apoio a causas como o fim da guerra no Vietname, do *apartheid* em África do Sul ou do império colonial português, quando decidiu passar algumas temporadas em África. Com Moçambique criou uma relação


profunda, que o fez ir e vir várias vezes, dirigindo o Teatro Avenida, em Maputo, nos intervalos da escrita de livros. Regressado à Suécia de uma dessas temporadas africanas, Mankell instalou-se em Ystad, e deparou-se com um país novo.

O assalto seguido do brutal assassinio de um casal de idosos numa aldeia próxima tinha posto a cidade em alvoroço e desencadeado uma vaga de ódio xenófobo, depois dos relatos (que viriam a revelar-se infundados) de que o crime teria sido cometido por imigrantes. Estávamos no fim da década de 1980 e Mankell, surpreendido com aquele cenário, concluiu que a única coisa que podia fazer era escrever sobre ele. É portanto por um crime contra dois idosos que começa “Assassino sem Rosto” (“Mördare utan ansikte”, no original), o primeiro livro sobre o detetive Kurt Wallander, uma edição com 2 mil cópias, lançada em 1991, que a Portugal chegaria uma década depois, e que nasceu como obra de culto para depois se alargar a todo o tipo de leitores.

Sentado numa das salas do Centro de Visitantes dos Estúdios de Ystad (YSVC), Jack Löfving, gestor de novos negócios dos estúdios, faz as contas: Mankell queria escrever quatro livros sobre o detetive, mas dado o terramoto que as obras provocaram, acabou a escrever 12; começou por vender alguns milhares de exemplares, hoje a conta vai em 40 milhões de cópias vendidas em dezenas de países; três anos depois do primeiro livro, o detetive Wallander saltou da máquina de escrever para



DANIEL GARRIDO/GETTY IMAGES



ISLÂNDIA O nordic noir tem raízes em países de paisagens geladas. Na Islândia, Ragnar Jónasson lançou uma série de policiais passados numa vila de pescadores



TENDÊNCIA A natureza inspira muitos autores. "O Ruído na Escada", de Eva Björg Áegisdóttir, acompanha uma investigadora de volta à terra natal, depois de anos na capital islandesa, Reiquiavique

os ecrãs; em 2004, há exatos 20 anos, e a pedido do autor, nasceram os Ystad Studios, estúdios de cinema num antigo quartel militar na cidade, onde já se gravaram mais de 70 produções cinematográficas, a maioria sobre Wallander, em sueco e em inglês, a partir dos originais em livro ou em forma de sequelas, prequelas, *spin-offs*, adaptações. Na criação do estúdio foram investidas 194 milhões de coroas suecas (perto de €17 milhões), com um retorno que, em número de visitas, se cifra nas 30 mil ao ano.

Além de lugar de gravações, o YSVC está cheio de *memorabilia* e alusões aos filmes, e os visitantes vêm de todo o lado para ver o escritório de Wallander, a sala, o quarto, as roupas originais do detetive, as roupas de Linda, a filha, fazer um *escape room* sobre os personagens ou organizar festas de aniversário temáticas.

Também na cidade há roteiros para tudo, do café de Wallander à esquadra da polícia, da estação de comboio, agora convertida em hotel, até à Mariagatan. Ystad é hoje símbolo do turismo de séries e filmes na Escandinávia e abriu caminho para

movimentos semelhantes de outras produções, como a trilogia "Millennium" (já lá vamos), que há 15 anos tornou-se o *nordic noir* do avesso. Se o valor financeiro do fenómeno Wallander é da ordem dos milhões, o capital simbólico é incalculável.

Johanna Klemmé, coordenadora do YSVC, lembra-se de um homem que viajou da Austrália em dois dias só para passar umas horas em Ystad, e voltar a casa. Num vídeo de apresentação à entrada dos estúdios, Ewa-Gun Westford, uma agente da polícia da cidade entretanto aposentada, conta como teve de explicar a um visitante que Wallander "não existe", quando este lhe entrou na esquadra a perguntar pelo detetive. "É só um livro", ouviu o turista, não sem espanto.

As histórias de polícias e ladrões são tão antigas quanto a própria escrita, mas o modelo deste tipo

de ficção ficou marcado no século XIX por Edgar Allan Poe, que deixou discípulos como Conan Doyle, criador do imortal Sherlock Holmes, que teve em Hercule Poirot, de Agatha Christie, um concorrente à altura a partir do segundo quartel do século XX. A história do *nordic noir* ficaria contada se destas obras de detetives *tout court* só se trocassem os protagonistas anglo-saxónicos pelos nórdicos. Mas o *nordic noir*, na verdade, não é uma história sobre detetives e mortes, embora se esforce muito por parecer, e tenha sempre muitos detetives e ainda mais mortes.

"A ideia do *nordic noir* é 'enganar' o público", confessa Löfving, que já leu dezenas ou centenas de guiões de filmes e séries destas. "Matamos' alguém porque as pessoas querem saber quem é o assassino, mas o que importa é agarrá-las para verem

Uma agente teve de explicar a um visitante que Wallander "não existe", quando este lhe entrou na esquadra a perguntar pelo detetive. "É só um livro"

a sociedade tal como ela é.” Wallander foi um caso explosivo, a que Löfving chama “pontapé na porta”, um “manifesto” ou um grito para dizer “isto é a Suécia real”, que tem racismo, que tem “problemas com a direita radical” (parece que é de hoje, mas o sueco está mesmo a falar da década de 1990), que não é, ou não é só, as ideias feitas que se ouvem sobre ela.

Vista de fora, “a Suécia foi sempre uma utopia”, reflete Löfving. Em certa medida, os países nórdicos ainda têm essa aura de organização, de equilíbrio entre vida pessoal e profissional, padrões de vida elevados, Estado social forte, educação e saúde de excelência, democracias aperfeiçoadas até ao aborrecimento. Mas por baixo dessa capa está uma camada não despienda de exclusão social, corrupção de toda a espécie, misoginia e violência de género, tensões culturais, abuso de álcool, isolamento social. O *nordic noir* encontrou uma fórmula para mostrar esses “podres” dos nórdicos. Humanos como nós.

REMOTA PAIXÃO

Se os padrões que servem para categorizar livros e filmes se estabelecem tantas vezes a partir da narrativa, aqui há uma especial primazia pela forma e pela estética. Mesmo quem não a conhece, consegue imaginar: ambientes austeros (há quem lhes chame melancólicos), cenas que acontecem em paisagens geladas, minimalistas, muitas rurais e quase sem vida, ou pelo menos sem gente. Um silêncio branco feito para causar desconforto em quem vê, ou lê, mesmo que no aconchego de casa. Isto quando a ação não se passa integralmente à noite, nos longos invernos do norte. Nas produções televisivas, a iluminação e a cor apontam quase sempre para essa atmosfera entre o isolamento e o mistério, até quando as cenas se passam em ambiente urbano.

A série “Bron/Broen” (2011), traduzida em Português pelo inglês “The Bridge”, arranca com um corpo dividido ao meio, na ponte de Øresund, que liga Copenhaga a Malmö. Inaugurada em 2000, a estrutura tem cerca de 16 km e é uma combinação de ponte rodoviária e ferroviária com um túnel de quase 4 km, além de uma ilha artificial, que conecta a Dinamarca e a Suécia, num trajeto de pouco mais de 10 minutos. Portento de engenharia em cima do estreito de Øresund, é atravessada todos os dias por milhares de pessoas, muitas em movimentos pendulares casa-trabalho. Na série, é quase uma personagem, que serve de mote para refletir sobre fronteiras literais e simbólicas, e todas as tensões que daí emergem.

Embora tenha começado nos livros, há mais de uma década que os originais de *nordic noir* invadiram a televisão e o *streaming* de vários países, com a Dinamarca a marcar o ritmo, por uma certa forma de contar as histórias, mais lenta, mais longe da aceleração dos policiais americanos. Um conceito a que os criadores dessas primeiras produções chamaram *slow watching* (visualização lenta) e que provou a importância de, por exemplo, não dobrar os filmes e as séries. Contrariando a tentação do *binge-watching* (ver muitas séries em pouco tempo), o espectador não nórdico é assim ‘obrigado’ a largar o telemóvel, a ler as legendas, a parar.

Além da primeira cena, “Bron/Broen” tem várias outras marcadas pela crueza quase macabra, que outros países tentaram reproduzir, com séries

em pontes e túneis a ligar Estados Unidos e México, França e Reino Unido, Alemanha e Áustria, Estónia e Rússia, Singapura e Malásia, algumas com moderado sucesso. Nenhuma chegou perto da produção dinamarquesa-sueca, que acumulou prémios e é o exemplo acabado destas narrativas a que se convencionou chamar *nordic noir*: passadas no norte da Europa, quase sem sol ou luz natural, com cenas tão realistas que parecem absurdas, crimes tão frios que, em vez de repulsa, provocam curiosidade.

Sandra, que prefere ser identificada assim, apenas pelo primeiro nome, tem um blogue chamado “Leituras Descomplicadas” e, à conta dessa curiosidade, acabou a criar um clube de leitura sobre os nórdicos. Chama-se Scandic Thrillers Club, tem 42 membros e sugere um autor por mês. “Não há livros obrigatórios, não há metas, nem há a obrigação de ler um livro para o clube todos os meses”, conta Sandra, o que poderia impedir “que se estabelecesse um vínculo com o clube”, mas que, na verdade, tem contribuído para que os leitores sintam a “liberdade” de “explorar cada um dos autores ao seu ritmo, e a motivação de conhecer outros que, de outra forma, não entrariam no radar”. Há assim quem acabe a ler mais do que um livro nórdico por mês. Para Sandra, tem sido uma descoberta permanente. Estes policiais “ganham pela contemporaneidade” e “abrem uma janela para as sociedades nórdicas”, que oferece “uma noção maior da realidade destes países”.

Sandra tem dois exemplos bem presentes: Camilla Läckberg, estrela contemporânea dos policiais suecos, tem “um olhar cosmopolita e desvenda questões sociais”, como no livro “O Cuco” (2023), em que mostra “a forma como a sociedade sueca olhava as mulheres trans nos anos 80”. Já Ragnar Jónasson, autor natural da Islândia que lançou uma série de policiais passados numa pequena vila de pescadores, “explora mais a natureza e a dimensão que o ambiente natural pode ter em cada um de nós, quase absorvendo-nos e arrastando-nos para o seu frio”.

A criadora do Scandic Thrillers Club tem vindo a descobrir um novo fascínio pela Islândia. No livro “O Ruído na Escada” (2024), de Eva Björg Áegisdóttir, conta-se a história de uma investigadora de regresso à terra natal, depois de anos na capital, Reiquiavique. “A descrição da beleza natural, mesmo no clima mais inóspito e com menos sol, fez-me ter muita vontade de agarrar na mochila”, e pôs o país na *bucket list* de Sandra.

“Ao mesmo tempo”, diz esta leitora, “fez-me refletir sobre os laços que construímos com os locais onde nascemos e a forma como eles nos marcam, mesmo quando queremos fugir deles”. Até para quem, como Sandra, nasceu, cresceu e viveu sempre no mesmo lugar, é uma oportunidade de reflexão. “Não pude deixar de pensar quanto de mim, da minha bagagem, resulta desse espaço geográfico onde sempre me movimentei.”

O TEMPO DAS PERIFERIAS

Especialista em *nordic noir* e professora de Literatura Comparada na universidade sueca de Lund, Kerstin Bergman compreende a percepção de leitores como Sandra. “Acredito que os locais, a natureza e o cenário são fundamentais para a grande maioria destas histórias, e que esta é uma tendência mais forte aqui do que na ficção policial de outros países.”

‘NORDIC NOIR’: UM GUIA PRÁTICO



UM HOMEM INQUIETO
Henning Mankell
Presença, 2011
€17,40

De um dos veteranos que inaugurou este género literário, nascido em Estocolmo, em 1948 — e falecido em 2015, em Gotemburgo — um livro da famosa série do detetive Kurt Wallander, um polícia ‘à moda antiga’ que luta contra uma Suécia moderna em que imperam ideias racistas e de extrema violência, e que aqui se dedica a desvendar mais um mistério.



OS HOMENS QUE ODEIAM AS MULHERES
Stieg Larsson
D. Quixote, 2013
€22,90

Primeiro livro da saga “Millennium”, da qual Larsson, jornalista sueco, escreveria três volumes antes de morrer aos 50 anos, em 2004, publicados postumamente. Livros que rapidamente ganhariam o estatuto de culto entre os apreciadores do *thriller* nórdico, tiveram continuação pela pena de David Lagercrantz, que escreveu mais três episódios. Em 2021, esse papel foi atribuído à escritora Karin Smirnoff.



SONHOS DE BRONZE
Camilla Läckberg
Porto Editora, 2024
€22,20

Último romance — uma história de vingança no feminino, que faz parte da série de Faye — de uma autora prolífica, com 24 livros publicados por cá a um ritmo estonteante — cinco deles só em 2024. Läckberg, sueca nascida em 1974, é economista e exerceu a profissão durante uns anos antes de se dedicar à escrita por inteiro.



MORTE NO SANATÓRIO

Ragnar Jónasson
TopSeller, 2024.
€17,45

Romance ambientado em dois momentos, 1983 e 2012, em que a investigação de um brutal assassinato é retomada. O escritor islandês, nascido em Reiquiavique em 1976 e professor de Direito, tem 12 romances traduzidos para português e é o criador da série "Dark Iceland", que apresenta a personagem do detetive Ari Thor.



O RUIDO NA ESCADA

Eva Björg Áegisdóttir
Quetzal, 2024.
€19,90

"Estamos habituados a que os escritores islandeses façam baixar a temperatura – de várias maneiras – e Áegisdóttir provou ser adepta desta arte de fazer arrepiar. Elma é uma personagem complexa e memorável", escreveu o "Financial Times" sobre este livro de uma autora islandesa estreante, nascida em 1988.



PERTO DO ABISMO

Jørn Lier Horst
& Thomas Enger
D. Quixote, 2024.
€20,90

Estes dois autores noruegueses de policiais têm uma longa história de colaboração literária e este é o último romance que produziram em conjunto. Em cena estão de novo protagonistas de livros anteriores, o polícia Alexander Blix e a jornalista Emma Ramm, envolvidos num labirinto de suspeitas e desconfiança, em que todos os que lhes são próximos são alvos de ameaça.

Os criminosos, tal como os detetives, nota a investigadora, "são moldados por esses cenários envolventes e pelos seus passados", e isso "talvez também espelhe que as pessoas nos países nórdicos tendem a acreditar que o ambiente molda o carácter dos indivíduos em maior dimensão do que o património biológico".

Para Kerstin Bergman, "as localizações nórdicas aparecem como exóticas para o público estrangeiro", sobretudo "as paisagens pouco povoadas, com neve, invernos escuros e o sol da meia-noite", o que contribui para o apelo destas obras. Um fascínio pelo norte inóspito e remoto que começou a ter impacto nas produções de televisão, ao ponto de estar hoje a moldar a paisagem cultural da Europa.

O projeto DETECT juntou investigadores ao longo de três anos para traçar uma identidade transnacional das narrativas de crime na Europa, e concluiu que as periferias estão "na frente e no centro" das séries policiais contemporâneas. "Primeiro, porque as zonas rurais e as periferias tornaram-se um tema político quente nos últimos anos", analisa Kim Toft Hansen, um dos investigadores do projeto, da faculdade de Aalborg, na Dinamarca. O interesse nas periferias deu-se não só pela excessiva concentração nos centros urbanos (não só das populações como das produções televisivas), como porque as fronteiras e as margens da Europa "estão a ser redefinidas. A guerra na Ucrânia, por exemplo, deslocou a geografia cognitiva da Europa mais para o oeste, o que aparece destacado na série polaca 'Wataha', que se passa na fronteira entre a Polónia e a Ucrânia", continua Tonsen. Assim, a série desenha "uma situação geopolítica onde a Europa 'para' mentalmente na fronteira com a Ucrânia", o que, para o investigador, mostra que "as narrativas de crime podem ser vistas como 'sismógrafos culturais', que captam mudanças socioculturais, às vezes antes mesmo de as notarmos numa perspectiva política".

Os responsáveis do DETECT lembram que foi sempre comum que os autores de ficção nórdicos olhassem para comunidades de pequenas dimensões, e para as margens, para contar as suas histórias – "não há aldeia na Escandinávia sem o seu escritor policial", comenta Tonsen. A novidade agora é que essa estética contaminou produtores e guionistas de outras geografias, como Tonsen vê numa espécie de "Espanha verde", ou no norte de Itália, com "cenários mais sombrios a ser utilizados em séries policiais que mostram uma inspiração estilística na localização nórdica". E que, mesmo que não tenham relação entre si, "contam uma narrativa global de um continente europeu em crise – ou mesmo em crises, no plural."

O "EFEITO STIEG LARSSON"

Há pessoas para quem o arrebatamento com o *nordic noir* é tão forte que ele de *hobby* passa a ser um vício e depois um trabalho. Anabela Valente, por exemplo, lembra-se do primeiro encontro com esta literatura, que fez a partir de Stieg Larsson. "Em três dias, li tudo", o que não é dizer pouco, já que se refere à trilogia "Millennium", do autor mais conhecido e mais vendido do norte da Europa. "Agora sou obcecada por literatura escandinava", confessa esta professora da Universidade de Aveiro, que fez uma tese de doutoramento sobre os caminhos da tradução dos livros nórdicos para português de Portugal e do Brasil.

A maioria dos livros ainda chega ao público lusófono por tradução indireta, isto é, a partir de uma

terceira língua, normalmente o inglês, nem sempre por falta de tradutores, mas por razões logísticas, económicas ou práticas, o que também explica o atraso na publicação de algumas obras. Para a investigadora, a intermediação não é caso para temer que se perca alguma coisa no caminho. "Se o tradutor for bom, não se perde nada." Há, porém, diferenças na abordagem aos marcadores culturais que interessavam à investigadora. "Ou se traduz à letra", como parece ser predileção no Brasil, ou os nomes são deixados no original, por vezes com recurso a notas de tradutor no rodapé. "Os portugueses deixam ficar os nomes das ruas, das comidas e das bebidas, dos jornais", enumera Valente. Mesmo em casos em que uma tradução direta seria possível, como a do típico "bolo de canela", feito com rolos no topo, que é vendido às toneladas na Escandinávia e que tem pequenas variações linguísticas entre países (*kanelbulle* na Suécia, *kanelnsnegl* na Dinamarca, *kanelnsnurr* na Noruega).

Há também nomes complexos e impronunciáveis, que a investigadora confessa que foram "quase" motivo para abandonar o primeiro livro, mas que agora entende como mais uma camada na relação com os romances. "Dá-lhes um toque de 'orientalismo'", propõe, referindo-se à construção de uma visão exótica, também ela romantizada, da cultura nórdica. Anabela Valente adverte que a tese, a que chamou "O papel da tradução na construção do *nordic noir* e da cultura nórdica em Portugal e no Brasil", "podia ter mais dez anos", mas por razões pessoais da autora, aprofunda apenas duas obras, uma da sueca Camilla Läckberg (outro arrebatamento, confessa) e outra do norueguês Thomas Enger. No entanto, como outros estudos do género, o que não falta são referências ao "efeito Stieg Larsson", o homem que pôs esta professora a devorar livros nórdicos, a fazer uma viagem à Suécia para um *workshop* e a escrever uma tese.

As opiniões sobre a origem do *nordic noir* até podem divergir aqui e ali, embora seja aceite que a dupla Sjöwall-Wahlöö – apelidos também impronunciáveis de Maj Sjöwall e Per Wahlöö, um casal de escritores de policiais suecos das décadas de 60 e 70 – seja aceite como pioneira, de quem o já citado Henning Mankell foi herdeiro e primeiro exportador. Mas o que gera mesmo consenso é que há um antes e um depois de Stieg Larsson. Como num policial nórdico, Larsson morreu sem aviso, aos 50 anos, longe de adivinhar o sucesso da obra póstuma, que fez dele bestseller em vários países, disseminado por mais de 100 milhões de exemplares. O primeiro livro do sueco que morreu jornalista foi publicado em 2005 e traduzido para inglês em 2008 como "The Girl With the Dragon Tattoo" ("A Rapariga com uma Tatuagem de Dragão"), um título que na tradução retirou, como também escreve Anabela Valente, a carga ideológica do original de Larsson. "Mån som hatar kvinnor" significa o que a tradução portuguesa deixou literal e autoexplicativo: "Os Homens Que Odeiam as Mulheres". No livro, Larsson, definido como politicamente ativo na causa "antifascista", faz um relato da violência de género e abuso de poder na sociedade sueca, a partir da figura central de Lisbeth Salander, que passou a personificar a luta contra a opressão de vários tipos. E que inaugurou a primazia do *nordic noir* por personagens femininas, muitas delas inspetoras e detetives, num primeiro desafio às convenções de género neste tipo de obras. Para leitoras



ULF ANDERSEN/GETTY IMAGES

AUTORES No nordic noir, há um antes e um depois de Stieg Larsson (em cima, à dir.), que morreu aos 50 anos, longe de adivinhar o sucesso póstumo da sua obra; David Lagercrantz (em baixo, à dir.) foi contratado para continuar a saga de Larsson; Henning Mankell (1948–2015, à esq.) é o criador do famoso detetive Kurt Wallander

como Sandra, a criadora do Scandic Thrillers Club, esse fator não é de somenos. “Sabendo da dificuldade que existe das mulheres se afirmarem em contextos tipicamente masculinos, como é o caso do mundo da polícia e da investigação, ter personagens femininas como elementos centrais da história acaba por tornar todo o enredo mais interessante para mim”, confessa. Salander, a *hacker* com problemas de sociabilidade que protagoniza a série “Millennium” é o símbolo de um certo “sentimento de orgulho” que as leitoras encontram nestas obras.

Sobre o autor da saga, Stieg Larsson, já se creveu tudo. Nos idos de 2010, tornou-se o primeiro escritor a vender mais de um milhão de *e-books* na Amazon, e em 2015, com três livros publicados em menos de dez anos, já havia vendido 80 milhões de exemplares. Em Portugal, que continua a lutar contra os baixos níveis de leitura, a trilogia



SOPHIE BASSOULS/GETTY IMAGES



DAVID LEVENSON/GETTY IMAGES

“Millennium” vendeu 160 mil cópias nos primeiros cinco anos e a febre não parou quando foi preciso recorrer a um novo autor para continuar a série que Larsson nunca acabou.

A contratação de David Lagercrantz, outro escritor com passado no jornalismo de crime, e que tinha tido o momento de maior aclamação ao escrever a biografia do futebolista sueco Zlatan Ibrahimovic, foi considerado crime de lesa-pátria na Suécia. “Ao início, eu estava absolutamente emocionado, quase gritei ‘sim, quero!’ escrever a continuação da saga, porque eu amo as personagens, os livros”, contou há uns anos Lagercrantz à Deutsche Welle. “Mas, passado algum tempo, claro, fiquei com medo, com receio se realmente conseguiria fazer aquilo e escrever com a mesma qualidade. Houve muita pressão e, por vezes, dor. Toda a gente andava atrás de mim, eu estava nas manchetes: ‘Como é que ele pode fazer isto?’ Houve uma tempestade mediática, fiquei absolutamente chocado. Percebo como os livros ‘Millennium’ envolveram as pessoas.”

Lagercrantz escreveu três livros e pediu que a experiência, “hilarante, realmente fantástica”, ficasse por ali. A sétima obra foi publicada em Portugal em 2023, escrita pela mais desconhecida Karin Smirnoff, e que se seguiu a anos de dúvidas, polémicas, disputas familiares, e um nível de secretismo e mistério

que passou das páginas dos livros para o tratamento comercial e editorial da obra. As editoras, incluindo a portuguesa D. Quixote, já falaram sobre como novos romances tiveram de ser mantidos em absoluto segredo, às vezes com manuscritos ou pen passadas de mão em mão. Uma saga dentro da saga.

O legado de Larsson sente-se nos países nórdicos, na Suécia em particular. Tal como para Wallander em Ystad, Estocolmo é hoje capital da saga “Millennium”, mas com uma oferta e uma procura muito superiores de *books* e experiências à volta das personagens, que tanto cativa curiosos como faz novos autores. Kerstin Bergman, uma das grandes especialistas do tema no país, conversou com o Expresso enquanto crítica literária, mas a verdade é que depois de décadas nessa pele, passou a ser também autora de policiais nórdicos. Como ela, centenas de novos escritores surgiram na década de 2010 — o período pós-Larsson e às primeiras séries nórdicas. Bergman lembra que “em 2000 foram publicados 70 romances policiais na Suécia, e em 2023 chegaram aos 500, sem contar com os que saem em formato áudio ou em *e-book*”.

A VITÓRIA DOS ANTI-HERÓIS

O realismo a envolver crítica social e política, a atmosfera nórdica, a universalidade dos temas, o fascínio por estas sociedades e os personagens complexos e ambivalentes são as razões que têm sido usadas para explicar o sucesso do *nordic noir*, onde os crimes nunca dividem os “bons” dos “maus” e onde nunca há heróis de corpo inteiro. “Essas nuances na narrativa chegaram ao público internacional numa altura em que aquilo a que se tem chamado ‘TV complexa’ começava a ganhar atenção”, defende o já citado investigador dinamarquês Kim Hansen. “Em vez de bandidos malvados e bons detetives, as séries policiais da Escandinávia mostram nuances”, em que o público constrói afinidades com uns e outros, em que “há crimes que são explicáveis, por vezes até perdoáveis”. “Quando funciona bem, as histórias de crime passam a fazer parte do debate público”, nota Hansen. “Se isso muda alguma coisa nas sociedades, é muito mais difícil de provar.”

É também difícil responder à pergunta mais vezes feita a autores e argumentistas: como é que se escreve tantas vezes e tão bem sobre *serial killers* nos países que, apesar de terem os mesmos problemas que todos os outros, apresentam menores taxas de crime? “Deparei-me com a teoria de que quanto mais crimes reais se vê, menos interessado se fica em ler sobre eles. No entanto, isso não é realmente verdade”, avisa Hansen. “Neste momento, vemos uma tendência latino-americana para narrativas criminais sobre a produção e exportação de drogas, na sequência do sucesso do *franchise* ‘Narcos’. Historicamente, também vimos, por exemplo, a República Alemã de Weimar, que tinha elevados índices de criminalidade e um franco gosto pelas narrativas criminais.” Hansen arrisca, por isso, uma explicação mais simples. “Acredito que todas as culturas precisam de histórias sobre transgressões, uma vez que a leitura e a visualização destas ajustam e sustentam uma bússola moral, ou mesmo a nossa compreensão cognitiva de como lidar com ameaças.” Bergman simplifica um pouco mais. “Toda a gente adora uma boa história de suspense.” ●

e@expresso.impresa.pt

“Em três dias, li tudo”, diz Anabela Valente, professora da Universidade de Aveiro, referindo-se à trilogia “Millennium”, de Stieg Larsson